

TRIPLEX FUNICULUS DIFFICILE RUMPITUR



BOLETIM DA UNIÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO ESPÍRITO SANTO  
N.º 186 ABRIL A JUNHO 2017

**Redação e Correspondência:**

UNIASES  
Apartado 1098  
4710-908 BRAGA  
Tel.: 253 951 257

**Diretor:**

Alberto Melo  
**Chefe de Redação:**  
Francisco Pinto  
**E-mail:**  
ases@portugalmail.pt

**Propriedade:**

União dos Antigos Alunos do Espírito Santo

**Distribuição:**

ASES

**Periodicidade:**

Trimestral - Reg. no I.C.S. n.º 112314

**Tiragem:**

1600 Exemplares  
Assinatura Anual: 5,00 €  
**Composição e Impressão:**  
Tadinense - artes gráficas  
www.tiptadinense.pt



## EDITORIAL RECOMEÇAR

Não podia ficar indiferente, como eu muitos mais, à tragédia que se abateu sobre o interior centro do país tendo por cenário os concelhos de Pedrógão Grande, Figueiró dos Vinhos e Castanheira de Pera. (Góis e Pampilhosa da Serra).

Ocorria-me ao pensamento o versículo 4 do capítulo 16 do Apocalipse de S. João, (Ap. 16,4) ao tomar conhecimento das mortes provocadas por esse violento incêndio que, num ápice, tudo destruiu, à sua passagem, deixando sem sustento e sem teto pessoas campestres, simples, que sempre viveram em ambiente florestal desordenado e nunca imaginaram que tal viesse a suceder.

Aqui surgem-me duas questões: fatalismo e prevenção. A primeira geradora da passividade perante os acontecimentos que podem surgir (por regra, nefastos), fatais como o destino: o que tiver de ser será mesmo. Já a outra pode, quando bem conduzida, contrariar a primeira, uma vontade capaz de inverter ou, pelo menos, minorar os males que da outra advêm.

Foi o que aconteceu: uma total descoordenação florestal, aliada à incúria e apatia generalizada. O resultado aí está à vista; um barril de pólvora atado por uma chispa que a custo foi debelado até à exaustão.

Uma onda enorme de solidariedade se levantou sempre pronta a ajudar os mais provados pelo infortúnio que lhes entrou porta adentro. Mais importante do que apurar causas, importa lançar mãos do que está ao dispor de quem manda (os governantes do País) para permitir o recomeço de uma nova vida com um teto minimamente acolhedor e na companhia de seus semelhantes. Estarão os nossos políticos à altura ou continuarão enredados em politiquices a ver quem toma o melhor partido? Espero bem que não.

Esta, a homenagem a todos os que foram vitimados pelo flagelo do fogo e aos que ainda encontram no seu interior um pingote de coragem para tudo começar de novo, fazendo da provação alento para que o futuro esteja ali bem perto, sorridente como dantes.

Alberto Melo,  
Presidente da Direção

### SEMINÁRIO DE GODIM

SÁBADO - 7 DE OUTUBRO

**Bodas de Ouro 1967 / 2017**

(Ver página 8)

### SEMINÁRIO DE GODIM

SÁBADO - 7 DE OUTUBRO

**Bodas de Prata 1992 / 2016**

(Ver página 8)

### SEMINÁRIO DE VIANA

SÁBADO - 21 DE OUTUBRO

**Bodas de Ouro 1967 / 2017**

(Ver página 8)

### FUNDÃO

SÁBADO - 23 DE SETEMBRO  
ENCONTRO DAS BEIRAS?

ou

SÁBADO - 4 DE NOVEMBRO  
MAGUSTO?

### SEMINÁRIO DE FRAIÃO

SÁBADO - 18 DE NOVEMBRO

**Bodas de Ouro**  
**Anos de Godim + Viana (1965)**

VOTOS  
DE  
BOAS FÉRIAS!



# PLANO DE ATIVIDADES UNIASES

## 2017 / 2018

### 2017

11 de Maio	- <b>ASSEMBLEIA MAGNA</b> , no Fraião (domingo Santíssima Trindade).
01/02 de Julho	- <b>Peregrinação da Família Espiritana a Fátima (Centenário das Aparições e 150 anos da presença da Congregação em Portugal).</b>
08 de Setembro	- <b>Profissões Religiosas</b> , no CESM-SILVA .
09 de Setembro	- <b>Beato Tiago Laval</b> , - Missionário espiritano
23 de Setembro	- <b>Encontro das Beiras???</b>
02 de Outubro	- <b>Poullart des Places</b> , 1º fundador da Congregação do Espírito Santo.
07 de Outubro	- <b>Encontro em Godim</b> : 50 anos do Curso de 1967/68 e 25 anos do Curso 1992/93 Organização dos ASES desses Cursos iniciados em Godim
21 de Outubro	- <b>Encontro em Viana do Castelo</b> : 50 anos do Curso de 1967/68 Organização dos ASES desse Curso, iniciado em Viana
04 de Novembro	- <b>Magusto no Fundão (?)</b>
05 de Novembro	- <b>Magustos</b> nos Centro de Animação Missionária (domingo antes de 11/11)
11 de Novembro	- <b>Magusto Anual</b> , em S. Paio de Oleiros. Organização do Núcleo de Santa Maria da Feira
18 de Novembro	- <b>Encontro no Fraião</b> : 50 anos, entrados no ano de 1967/68, provenientes de

Viana/Godim em 1965/66

Organização conjunta dos ASES desses Cursos

? de Dezembro*	- <b>Assembleia Geral da UASP (???)</b>
? de Dezembro*	- <b>Reciclagem de Natal</b> , no CESM, Silva/Barcelos
? de Dezembro*	- <b>Conselho de Animação Missionária Espiritana (CAME)</b> na Silva às 14:30

\* *Datas a confirmar*

### 2018

02 de Fevereiro	- <b>Venerável Libermann</b> , 2º fundador da Congregação do Espírito Santo
10 de Fevereiro	- <b>Encontro do Minho</b> , (2º sábado) no Seminário da Silva. Organização núcleo Barcelos
28 de Fevereiro	- <b>Beato Daniel Brottier</b> , - Missionário espiritano.
17 de Março	- <b>Encontro da lampreia</b> , em Melres, (3º sábado de Março). <b>Ou outra data?</b> Organização do Prof. Santos Lopes, do Núcleo de Gondomar.
07/08 de Abril	- <b>Encontro alargado na Torre d'Aguilha</b> (domingo de Pascoela). <b>Ou outra data?</b> Organização do Núcleo de Lisboa.
14 de Abril	- <b>LAMPREIADA A SUL (AZAMBUJA)?</b>
27 de Maio	- <b>ASSEMBLEIA MAGNA</b> , no Fraião (domingo Santíssima Trindade) - Eleições

**TRIMESTRALMENTE: Publicação do Boletim "UNIASES"**

## RELATÓRIO CONTAS

### ASES 2016

RECEITAS	8781,50 €	SALDO DO ANO 2015	5659,79 €
QUOTAS-BOLETIM	7431,50 €	Quotas	4389,79 €
BOLSAS	250,00 €	Bolsas	250,00 €
FUNDO SOLIDARIEDADE	0,00 €	Fundo Solidariedade	1.020,00 €
CEPAC	500,00 €	Cepac	0,00 €
MAAES	600,00 €		
<b>DESPESAS</b>	<b>-8.668,18 €</b>	<b>NOVO SALDO PARA 2017</b>	<b>5773,11 €</b>
<b>BOLETINS :</b>		Quotas	4.503,11 €
Impressão 181-182-183-184	-4121,28 €	Bolsas	250,00 €
Expedição 181-182-183-184	-2220,47 €	Fundo Solidariedade	1.020,00 €
<b>BOLSAS - Entregues em 2016</b>	<b>-250,00 €</b>	Cepac	0,00 €
<b>DONATIVOS - CEPAC entregues em 2016</b>	<b>-500,00 €</b>	MAAES	550,00 €
<b>MAAES</b>	<b>-600,00 €</b>		
<b>DIVERSOS</b>	<b>-976,43 €</b>		
<b>RESULTADO DO EXERCÍCIO</b>	<b>113,32 €</b>	<b>SALDO CGD-BARCELINHOS EM 31-12-2016</b>	<b>6.323,11 €</b>
		Torre d'Aguilha, 22 de Abril de 2017	
		<b>A Direção</b>	

# ENCONTRO NA TORRE D'AGUILHA

## 23 DE ABRIL DE 2017

Alberto Melo

Organizado pelo Núcleo de Lisboa, realizou-se na Torre d'Aguilha o habitual encontro alargado, em Domingo de Pascoela (23 de abril), que contou com uma presença nortenha que se fez deslocar em autocarro, alojada na véspera, nas instalações do seminário, à qual se associaria, na manhã seguinte, considerável mancha de antigos alunos residentes na área da Grande Lisboa.

Às primeiras horas da manhã de domingo, o dia aprazado, efusivos abraços trocados, proporcionados pelo reencontro, à mistura com palavras de apresentação a aproximar distâncias no tempo, foram o mote para o animado encontro/convívio de amigos.

Para cumprimento das formalidades inscritas em agenda foi feita uma chamada de atenção para que todos se encaminhassem para a Sala P. Daniel Brottier onde o P. Provincial, com a invocação ao divino Espírito Santo, procedeu à abertura da sessão programada.

O Melo, em representação do Núcleo de Lisboa, onde por lá anda desde 1978, deu as boas vindas aos que se dignaram marcar presença, aproveitando para saudar de forma mais espacial os que apareceram pela primeira vez, caso do Araújo Ribeiro (V58); os que estavam adormecidos e que deixaram a letargia tais como o Santos Pereira (G46), o Hélio Martins (V58), o Néelson Rosa (V58); os corajosos que de Leiria demandaram a Aguilha: Conceição Silva (G51) e o Pereira Rodrigues (S55). Aos demais agradeceu o seu contributo para manter viva a chama da amizade entre os associados da UNIASES. Uma palavra de reconforto ao Cunha Pinto pelo trabalho e experiência despendida na tentativa, bem-sucedida diga-se, para oferecer o jogo em direto na TvSport entre Sporting e Benfica, na noite anterior.

Referiu o Rogério Carmona, como grande animador da Liturgia do dia, acompanhado do "seu" organista na Igreja de Stº António do Estoril, o Santos Cardoso, antigo aluno dos missionários claretianos e irmão do nosso Francisco Santos Cardoso (G57), de S. Cosmado (Armamar), entretanto falecido.

Lamentou a ausência de outros tantos que não se dignaram responder ao convite endereçado, referindo que dos 45



matriculados nos anos de 1964 a 1967 e residentes na região da capital, apenas um marcou presença, o Casalta. E que presença!...

Foi sublinhado que este encontro se encaixava nas comemorações jubilares dos 150 anos da presença espiritana em Portugal. "Alegres na Esperança" ressoaria ao longo desta jornada de convívio por tudo quanto era sítio: na capela maior, nos corredores e átrios e no refeitório.

Foi introduzido e apresentado o Ir. Manuel Carmo, CSSp, como orador convidado e diretor técnico do CEPAC que nos falou do Centro Padre Alves Correia, instituição de solidariedade social, fundada pelos missionários do Espírito Santo em 1992 para apoio a imigrantes e refugiados.

A princípio, voltado para os imigrantes dos PALOP's e Brasil cujos cidadãos aportavam a Lisboa em situação irregular e a doentes deslocados no âmbito de acordos assinados entre Portugal e aqueles países africanos de expressão portuguesa. A sua ação social seria mais abrangente e começaram a ser atendidos e apoiados imigrantes oriundos dos países do leste europeu e de outros países de África. Uma porta aberta a todos. Retirados que foram parte dos apoios financeiros concedidos às IPSS, o CEPAC passa por certas dificuldades em manter e assegurar os seus objetivos: cuidar os imigrantes como pessoas e inculcar neles a responsabilidade pela sua integração

na sociedade, acompanhando-os nos seus projetos de vida.

O Revdo. Padre Provincial traçou uma panorâmica sobre a situação atual e modo de vida de todos os missionários espiritanos portugueses que, após a independência de Angola, se encontram espalhados por todos os continentes ao serviço da Nova Evangelização: o anúncio do Evangelhos e o respeito pela dignidade e direitos humanos, principalmente, dos mais desprotegidos e desfavorecidos.

Socorrendo-se de um Álbum, propositadamente feito para as Comemorações Jubilares dos 150 anos da presença espiritana em Portugal e a todos os presentes oferecido, lembrou os inícios da criação da Congregação com o primeiro seminário em Santarém, os seus fundadores. As vicissitudes passadas até sua fixação em Braga, a dispersão após a proclamação da República, o exílio em França e posterior regresso e definitiva fixação em Portugal, os seminários ainda existentes...tudo bem explicado na brochura, a propósito feita e a todos distribuída, captando a atenção dos seus ouvintes, merecendo dos mesmos entusiástico aplauso.

O Armando falou sobre o projeto MAAES/LIAM, dizendo que o mesmo é para continuar, e exibindo a última obra editada: REZAR COM S. MATEUS do P. Eurico Azevedo e revelou uma próxima, ainda no prelo, o MISTÉRIO DE CRISTO, do P. José Fagundes Pires.

(continua na página 9)

## UM OLHAR SOBRE A MAGNA DE 2017

Zé Machado

Particpei na Magna de 2017 com a nova função que aceitara no ano anterior, a de ser secretário da Mesa da Assembleia-geral, mas o conhecimento prévio da falta do presidente, Timóteo Jorge Moreira, e do vice, Manuel Santos Lopes determinaram que fosse eu a presidir à mesma, pelo que cheguei mais cedo ao Fraião, vindo de perto, que eu moro abaixo do seminário, numa urbanização que se fez numa daquelas quintas que nós víamos do recinto das tilias e cujos caminhos entre muros percorríamos quando descíamos do Fraião para irmos a pé à cidade ou para seguirmos para a estação dos comboios.

O Fraião está em obras, ou seja, eu continuo a ver o Fraião em obras desde que fui para lá, mas agora vão com uma ideia de renovação ainda mais acentuada, ouvi dizer que aquilo vai ser hotel de primeira, uma espécie de antecâmara de chegada ao céu, o que significa aquele nível de sossego e de bem-estar que se deseja em vida, antes ou depois de grandes missões de trabalho e sofrimento.

Lá fomos aparecendo, que o Cunha Pinto e o Ferraz já lá cirandavam a organizar tudo e eu fiquei logo com agenda em mãos, contas e contactos, tarefas e deveres. Meia hora depois da hora marcada, com qualquer número de associados, começámos a função, entrou toda a gente para a sala, disseram no fim que foi a primeira vez que as mulheres entraram com total autonomia de instalação. A novidade esteve em dois colegas que apareceram pela primeira vez, Francisco Soares Silva (V66) e José Manuel Oliveira Matos (V67) a quem se deu a palavra para testemunharem de si e das terras por onde andaram. Esteve com curiosidade plena a apresentação de um AS recém-regressado da Venezuela, o Oliveira Matos, depois de 43 anos por lá, abundantes em trabalho e bem-estar. Estiveram presentes o padre Manuel Martins, assistente dos ASES, P. Adélio Fonte, superior do Fraião, o padre José Maria e o provincial, padre Tony Neves, que fez os preliminares devocionais e depois desenvolveu relatos de viagens e de situações espirituais pelo mundo distribuindo um curioso e expressivo prospeto de informação «Alegres na Esperança» sobre os 150 anos de missão em Portugal e no mundo.

As contas, devidamente explicadas, foram aprovadas com a concordância analítica e sintética do conselho fiscal.



O Armando esclareceu os movimentos editoriais, com obra do padre Eurico «A Palavra de Deus» dedicada à catequese da oração, boa memória que dele fui construindo depois de ele ter sido meu professor de moral no Fraião, e a obra póstuma do padre Adélio Torres Neiva «Parábolas da outra margem», cuja leitura já comecei e me está a entusiasmar. Fez-se uma referência à ausência explicada do Melo, ocorrência por todos sentida e compreendida e desejada que brevemente se recomponha. Entretanto, distribui-se por quem chegou a obra «Alfena» do padre José Maria de Sousa que é um ramalhete de memórias imperdíveis.

A missa, concelebrada pelos P. Provincial, P. José Maria de Sousa e pelo P. João Baptista Silva Gomes (AS de 1945 em Godim e pároco de Refoios do Lima), deteve acompanhamento de clarinete em dó pela minha pessoa, coisa em que me deixei levar pelo entusiasmo do Cunha Pinto. A fotografia da praxe teve lugar no sítio habitual junto da piscina naquele recreio que fora nosso campo de jogos, levou algum tempo a tirar, mas acabou por ser registadora das caras e dos corpos que àquela hora estavam instáveis por razões naturais, apertos e apetites que no Fraião sempre se deram. O almoço foi no Museu D. Diogo de Sousa, após proveitosas negociações da ementa com o senhor Jacinto, homem que já faz uma adequada ideia dos gostos dos ASES, mas que na próxima requererá melhor prontidão de serviço aos apreciadores do bacalhau, porquanto os acepipes e as bebidas de desfazio estiveram bem na plataforma ao ar livre e as sobremesas cumpriram, bem como o café e os licores.

Em matéria de discursos, a coisa foi discretíssima, todos disseram tudo a todos nos lugares em que se sentaram à mesa. A destacar, o solo do Cita, numa língua de pouco uso na comunidade europeia, mas entendível nas modulações frásicas, dedicada à ausência física do Melo; traduzida para inglês, referiu-se o intérprete à expressão da saudade portuguesa e *pascoalina*. Estes momentos são sempre de cobertura mediática muito reduzida, é certo, mas os repórteres presentes saberão fazer chegar a quem de direito os melhores ecos do que se lá passou.

Pela minha parte, eu que já servira os ASES enquanto seminarista quando eles se «banqueteavam» no Fraião, lembrei-me de experimentar a mesma função servindo o padre José Maria de Sousa em tudo o que requeresse, retomando aquele espírito brincalhão de salientar a proximidade do centenário.

De mais, se foi pouca gente, uns dirão e disseram que sim e referiram a situação de crise em que pelos vistos o país já não anda para considerarem as faltas injustificadas. Que estiveram os bons, disse-o o senhor Jacinto. Nota final: a Magna mantém as razões da/na fundação dos ASES.

(Reportagem fotográfica do Silva Dias em: <https://goo.gl/photos/sP6NUgHGUYW2dVT7>)



## MAGNA – FRAIÃO – 2017 (UM OUTRO OLHAR)

Américo Cita



Não. Não estava preparado. Não levei gravador, nem sequer um simples lápis, sebenta e/ou lousa, pelo que não tirei apontamentos. Poderia tentar utilizar o telemóvel – última geração oferecido pelos netos – e/ou o iPad – penúltima geração oferecido pelos filhos, mas estes dedos grossos não conseguem limitar as teclas e em vez de foto pode sair fato (sim sem 'c' e dos gitanes).

Ouvi (uso aparelho auditivo e como tal aumentei o volume) com atenção, discordei de algumas coisas, mas quem sou eu para votar contra (*essa de não se poder abrir uma conta na CGD com € 7 mil e uns trocados quando alguém com € 1,00 – e eu ofereci € 1,32 e nem reposta tive – conseguiu comprar um banco – está na realidade muito mal contada*), mas, repito, não estive com aquela atenção usual: calor a mais (e na última vez que nos tínhamos reunido em Braga choveu que Deus a deu), talvez gente a mais (éramos bastantes) e mesa extremamente bem presidida pelo **Zé Machado**.

Repito quem sou eu, simples corticeiro, com os dedos cheios de calos, aparelho auditivo, dentição a exigir altos investimentos, anafado, quero crer que pé raso, parolo da aldeia, para no meio de tantos 'teachers-profesores', advogados, juizes, engenheiros, arquitetos, altos-gerentes-bancários, empresários, músicos, cantores líricos, etc... tentar dizer/escrever algo.

Mais uma vez guardei-me para a segunda parte. **Cunha Pinto** já me tinha alertado para o local do jogo. O mesmo que

da primeira mão, nos 'museus'. Sei, por experiência, que **Zé Machado** é brilhante (para além de excelente entertaineur, presidente de mesa de Assembleia, orador e... surpresa ÓPTIMO MÚSICO) na escolha do local, ementa, arrumação, exigência de serviço, pelo que sabia que segunda parte me seria favorável, mesmo que estes dentes não me tenham ajudado a devorar aquilo que mais gosto – um bacalhau à Braga com muita cebola, um *bom bife-rolha, uns rojões à nossa moda, vá lá um lavagante, uma sapateira, umas percebas – mas haveria sempre um pudim 'Abade-Priscos', uma mousse e sobretudo algo que adoro comer 'verde branco fresquinho'*.

Mais uma vez soube escolher os coleguinhas de mesa. O **Barroso** – manhoso como dizemos em Lhamas, calado, olhar circundante/perspícaz – exemplo típico do Sr. Advogado, acompanhado pela esposa – professora e reforçado pelo filho caçula – do **Miguel Ângelo** – para ele tudo está perfeito e pelo Pinto Pereira – sabido, ex-ranger no exército, a

manquelitar mas se algo houvesse seria o primeiro a saltar. Ainda um penetra na mesa – não tinha sido convidado mas nem sempre nos sai a 'raspadinha' – **Cunha Pinto** de seu nome, que ocupou a mesa com livros de recibos das coletas dos ASES. Teve azar! Que me lembre os livros foram pelo menos duas vezes encharcados com vinho: branco e tinto! Deve ser um cheiro, ainda, lá pelas gavetas. Não mandes recibo para ninguém. Diz só que está pago!

Fiz-me convidado a cantar algo. Deveria ter recordado a noite de má memória em que armado em cantor de Karaoke, numa esplanada cheia de clientes – Paralelo em Lhamas – Beto Melo e outros vizinhos sabem do que falo – me armei em Júlio Iglesias com '*Um canto a Galicia*' e consegui acabar com duas – sim só duas - pessoas a ouvir, mas, armado em Roger Waters, e em French, cantei (???) para o Beto Melo o '*I wish you were here*'. Ninguém chorou, ninguém se entristeceu e quase que fui vaiado. Pobre a vida de um artista. Para a próxima vou às minhas novas origens e meto o Zé Amaro, Canário e/ou Quim Barreiros e tenho mais sucesso.

Enfim! Estou certo começareis a dar-me razão. Estes convívios – Magnas, 50 anos, Lampreiidadas, são isto mesmo: convivermos de novo, recordarmos o que éramos, fizemos há 30/40/50 anos. Nada disto seria possível sem uma organização como a que vós, quase todos, conseguis manter. Questiono por vezes: temos 20/30 na Lampreiidada, 20/30 nos 50 anos, temos outros 20/30 na Magna. Quase certo, os mesmos 20/30 na Silva e em Carcavelos.... Quase sempre 'caras' novas. Se conseguíssemos juntar todos numa delas seríamos um dos maiores partidos 'políticos' em Portugal.

Escrevo com som de fundo na TV 'tragédia de Pedrogão'. Um sentimento de profundo pesar por todos atingidos por este drama. Faz hoje um ano, exatamente, que eu e quase toda a família Cita estávamos em Pedrogão – Grande e Pequeno – no casamento de um outro Cita. **Que Deus lhes dê a força para continuarem a lutar.** A vida é realmente curta e, por vezes, madrasta.



## NOTÍCIAS BREVES

Alberto Melo

### MOMIP (MOVIMENTO MISSIONÁRIO DE PROFESSORES)

Vai realizar o seu 56º Encontro Nacional de Professores, no Ferragudo (Algarve), de 10 a 16 de agosto de 2017, sob o lema de ALEGRES NA ESPERANÇA, de cujo programa salientamos:

Dia 10 – Acolhimento no final da tarde, jantar e apresentação;  
Dia 11 (Manhã) – Visita a Portimão; (Tarde) Tempo de Inserção na Comunidade (Aldeia de S. José de Alcalar);

Dia 12 (Manhã) - Conferência: "A Alegria do Testemunho Cristão / Missionário" (Pe. Carlos César – Vigário Geral da Diocese do Algarve);

Dia 12 (Tarde) - Painel sobre "A Educação" Prof. Tito Romeu, Prof.ª Eva Santos e Prof.ª Anabela.

Dias 13 e 14 – À descoberta das belezas da zona mais interior: Silves, Alte, Pêra; Visita à zona litoral em passeio de barco, com passagem por Lagos e outros locais;

Dia 15 - Dia de Espiritualidade. Serão Missionário;

Dia 16 - Assembleia do MOMIP.

Aos interessados, para mais informações, contactar Deotilde Saraiva (Tel: 228 310 598/963 209 035) ou [momip.direcao@gmail.com](mailto:momip.direcao@gmail.com)

(Obs. As inscrições deveriam ser feitas, preferencialmente, até finais de maio)

### UASP – JORNADAS CULTURAIS

A União das Associações de Antigos Alunos dos Seminários – UASP - realizou a Atividade Cultural de Verão que, este ano, incidiu sobre a região de Viana do Castelo, sob o tema Com Viana no coração e sob o lema "Quem gosta, vem; quem ama, VOLTA", e que se realizou nos dias 1 e 2 de julho.

No primeiro dia, uma visita guiada ao Navio Gil Eanes e, à noite, arraial minhoto na Quinta de Santinho; no dia seguinte uma incursão a Ponte de Lima para uma visita ao "casco histórico, com almoço regional na Correlhã, com arroz de sarrabulho à minhota e rojões.

Lamentavelmente, não foi feita a devida publicidade no UNIASES por não consonâncias de datas. As nossas desculpas aos nossos associados e à UASP, que tanto se esmerou no desempenho do evento.

## NOTÍCIAS DA CONGREGAÇÃO

Arranjo de A. Ribeiro

### CELEBRAÇÕES JUBILARES DOS 150 ANOS

As celebrações continuam. Foram as V Jornadas de Espiritualidade Missionária Espiritana, em 18 e 19 de março, que contaram com grande adesão de participantes (cerca de 500), onde foram apresentados o "Álbum dos 150 anos" e as "Parábolas da Outra Margem" fundamentada em escritos do P. Adélio Torres Neiva.

Depois, a 4 de junho, a manifestação de Pentecostes: conferência, Eucaristia e concerto; com celebrações em Braga e na Torre d'Aguilha.

Proximamente, em 14 de outubro, haverá um Colóquio Missiológico, na Torre d'Aguilha.

Em 5 de novembro, por ocasião da festa dos Magustos Missionários, ocorrerá o encerramento do jubileu: a norte, na Silva (CESM); a sul, na Torre d'Aguilha.

### ORDENAÇÕES

O Diácono António Pedro Mosso, natural de Cabo Verde, será ordenado Presbítero na Aqualva-Cacém a 9 de julho. Possivelmente, ainda durante este, ano outras Ordenações, que anunciaremos oportunamente, serão uma graça deste Jubileu.

### OBRAS

Estão em curso obras no Fraião para instalar a Comunidade, prevendo espaços para os confrades em Ministério e para visitas. Esperamos ver os ASES contemplados com um cubículo, por exíguo que seja, mas digno da Associação que é, para aí continuarem com a sua Sede.

Na Torre d'Aguilha será renovado/mudado o telhado da ala que está por cima da galeria, que vai da entrada até ao Grande Auditório, com colocação de novas telhas e substituição das traves de madeira que o sustentavam e que estavam em deficiente estado de conservação.

### ESPÍRITANOS EM PERIGO

Devido ao grande conflito armado instalado na República Centro Africana, iniciado em finais de 2012, que opõe o Governo e os grupos de "rebeldes" que acusam o presidente François Bozizé de não cumprir os acordos de paz assinados em 2007. Devido às constantes revoltas, motins e perseguições, os missionários espiritanos, ali sedeados, tiveram que abandonar o país em direção ao país vizinho da Rep. Democrática do Congo.

O mesmo sucede com o conflito nas Filipinas que opõe a ilha de Mindanau, de maioria muçulmana, ao poder central. Grupos muçulmanos, ligados ao DAESH, querem a independência do resto do arquipélago, de maioria cristã.

No sul do Sudão, há quatro Padres Espiritanos que se encontram numa situação de emergência humanitária, ajudando as pessoas deslocadas nos campos da ONU em Juba, a capital do país.

Esperava-se que a divisão do Sudão poderia permitir aos habitantes do Sul viver em paz, mas o conflito entre líderes ambiciosos, alimentado por divisões étnicas, criou um drama humanitário no qual cinco milhões de pessoas passam fome (quase a metade do país).

### X CAPÍTULO PROVINCIAL

Por convocatória de 27 de junho de 2017 do atual Superior Provincial (P. Tony Neves) irá realizar-se, na Torre d'Aguilha, de 15 a 27 de julho de 2018, o X Capítulo Provincial, que terá como um dos objetivos maiores a eleição do Superior Provincial e de quatro membros do seu Conselho.

Ainda é cedo, é verdade; mas desde já estejamos atentos. A seu tempo daremos notícias pormenorizadas. Este é um simples aperitivo.

# PENTECOSTES JUBILAR

Alberto Melo

No auge das comemorações jubilares dos 150 anos da presença da Congregação do Espírito Santo em Portugal, o Domingo de Pentecostes constituiu um importante marco das celebrações com a realização, a Norte (Braga) e a Sul (Torre d'Aguilha), de uma jornada solene de evocação da efeméride. Era o dia de Pentecostes que recaiu, este ano, sobre o 4 de junho, Domingo.

Tanto a Norte como a Sul os antigos alunos marcaram presença integrando-se nas festividades, merecendo particular menção a atuação brilhante do Grupo Coral de Ruilhe, dirigido pelo AS Cunha Pinto, e que animou a Celebração da Eucaristia na capela do Seminário de Nossa Senhora da Conceição, em Braga, onde decorreu a comemorativa sessão; a Sul, respondendo a um convite do P. Provincial, uma dezena de ASES deu a cara e a alma em apoio a uma manifestação de alegria proporcionada pela presença viva dos missionários do Espírito Santo.

Entre as personalidades convidadas contavam-se o Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente, Cónego P. António Rego, o Presidente da Câmara de Cascais, Carlos Carreiras, o Vereador da mesma, Nuno Piteira Lopes, a Presidente da Junta de Freguesia de S. Domingos de Rana, Maria Fernanda Gonçalves, para além de muitos amigos da Congregação, dos membros da Família Espiritana e dos efetivos membros da Congregação residentes na área de Lisboa.

Antes da sessão solene, que constava de uma conferência a proferir pelo P. Tony Neves, Superior Provincial, subordinada ao tema "Espiritanos em Portugal – 150 anos de Missão" usaram da palavra as autoridades civis do Concelho (Carlos Carreiras e Fernanda Gonçalves) para testemunharem a sua satisfação pela presença espiritana no Concelho de Cascais e Freguesia de S. Domingos de Rana, retirando-se de seguida por afazeres e compromissos autárquicos.

A acompanhar a dissertação do conferencista, o P. Victor Silva criou a propósito um vídeo para ilustração das palavras do orador que começou por fazer lembrar que os Espiritanos se encontram espalhados no norte, no centro, no sul, no litoral e no interior de Portugal, através de onze comunidades, de Viana do



Castelo, no Minho, a São. Brás de Alportel, no Algarve.

Sobre os compromissos/missão em Portugal destacou a animação missionária – a colaboração com a Igreja portuguesa de sentir a missão como parte da sua vocação cristã – as paróquias entregues a seus cuidados – e a formação e pastoral vocacional.

Mencionou igualmente toda a Família Espiritana (padres e irmãos, irmãs Espiritanas, leigos associados, fraternidades, LIAM, JSF, MOMIP, ASES, afirmando, a terminar, que o **"Pentecostes é o tempo oportuno para pedirmos que o futuro da missão Espiritana seja o que Deus quer e o Espírito Santo nos inspire e empurre nesse sentido"**.

No decurso desta Celebração jubilar, em dia de Pentecostes, foi descerrado um **Azulejo Memorial**, da autoria da artista plástica Dina Figueiredo, a perpetuar os 150 anos da missão Espiritana em Portugal, e que ficou situado no átrio de entrada (lado direito) do Seminário da Torre d'Aguilha.

A EUCARISTIA foi presidida pelo Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente, em concelebração com todos os presbíteros presentes, que, no momento próprio, agradeceu a presença da Congregação do Espírito Santo e de outras congregações congéneres segundo o seu carisma, a graça e o dom concedi-

do pelo Espírito Santo na construção do Corpo de Cristo Ressuscitado, a Igreja.

Recordou os primeiros tempos da Congregação, à data da sua fundação, a vocação comunitária e de serviço pastoral. A formação de verdadeiros padres/apóstolos e que em comunidade viviam e cresciam e disponíveis para todas as tarefas e para o que fosse mais importante fazer. Assim lembrou a vocação/chamamento de Poullart des Places, na origem da fundação da Congregação do Espírito Santo.

O Senhor Cardeal Patriarca destacou ainda a importância dos Espiritanos na evangelização do século XX, a chamada nova evangelização nos novos métodos e expressões no ardor como bem canta o hino dos 150 anos da Congregação do Espírito Santo.

Terminada a celebração eucarística, assistiu-se a um miniconcerto vocal interpretado pelo Grupo "Overjoyed", descoberta do P. Miguel Ribeiro, pároco na Abóboda. Agradaram nas interpretações apresentadas, merecendo o aplauso generalizado dos presentes.

Depois, para selar o compromisso festivo do jubileu em dia de Pentecostes, foi servido, por cortesia do economato provincial, uma refeição merecedora de elogios e que a todos agradou. Em fim de festa, cantaram-se os parabéns e brindou-se com champanhe, pois então!

## SEMINÁRIO DE GODIM SÁBADO - 7 DE OUTUBRO



### BODAS DE OURO DE 1967

Comissão Organizadora:

**Agostinho G. Alves Santa:**

966 415 296

agostinhosanta@gmail.com

**Celestino Gonçalves Pereira:**

963 797 944

celestino48@hotmail.com

### BODAS DE PRATA DE 1992

Comissão Organizadora:

**Marco Alexandre Guedes:**

maguedes\_s@hotmail.com

## SEMINÁRIO DE VIANA DO CASTELO SÁBADO - 21 DE OUTUBRO



### BODAS DE OURO DE 1967

Comissão Organizadora:

**Elísio Ribeiro Canedo:**

227 632 639 / 917 520 522

elisio.canedo@gmail.com

**Albano Martins Sousa:**

253 951 674 / 967 944 390

albano.m.sousa@gmail.com

Os nossos 50 anos da entrada nos Seminários de Godim ou Viana vão ser devidamente assinalados. Os encontros constarão com reunião - assembleia pelas 10h30, seguida de Eucaristia (para quem quiser) e almoço, nas instalações dos Seminários.

**Tragam as Esposas, Filhos, Netos...**

**Não esperem o contato da Comissão...**

*Inscrevam-se com antecedência para que se possa organizar tudo com brilho!*

ases@portugalmail.pt

253 951 257 / 919 441 970

# CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

## ...Respostas Breves

Alberto Melo

### AVISO À NAVEGAÇÃO

Estranho modo de fazer um apelo a todos os nossos leitores. Há escolhos, por insignificantes que sejam, que perturbam a boa navegação, tais como a apatia e a indiferença em comunicar apesar da facilidade de meios de que dispomos. Não é preciso aprimorar a caligrafia manual, nem perder tempo com deslocações e/ou espera nos balcões dos correios. As novas tecnologias, ao serviço do homem, estão aí para isso mesmo: simplificar.

As nossas desculpas aos que ou não sabem com elas lidar ou a elas não têm acesso, uma minoria, julgamos. E que dizer dessa tal maioria que continua silenciosa e à qual expressamente nos dirigimos com pedido de notícias e outras informações?

Pela aragem da carruagem qualquer dia ficaremos limitados ao título que dá corpo a esta rubrica. Vamos acordar e dar um pontapé na indiferença. Ovos, mesmo que de codorniz, são precisos para uma omeleta, senão apetitosa pelo menos apresentável e apetecível, a redistribuir por todos os nossos leitores, os Antigos Alunos em especial.

**P. José Maria de Sousa** **G32**

Leia-se ECOS do BOLETIM N.185, na página 10 da presente edição.

Quanto a nós, ficamos à espera da tal "Alfena, Princesa do Leça" que ainda não aportou à mesa da Redação.

Enquanto aguardamos, as nossas desculpas...

**Luís Andrade de Barros** **G52**

Escreveu-nos, salientando a dedicação e disponibilidade de quantos dão vida ao UNIASES. Passados 65 anos, poucas são as pessoas que nele identifico e raramente aparecem os que foram meus companheiros. Talvez este facto mereça uma reflexão, acrescenta.

Caro amigo e companheiro Barros, (hoje coronel do exército reformado), com quem partilhei em finais dos anos 50 os mesmos espaços do Fraião ainda que em diferentes Pavilhões, dou-lhe inteira razão acerca da tal reflexão. Damos uma "bicada" na abertura da presente rubrica: abaixo a indiferença. Sem co-

municação, depressa são esquecidas relações recíprocas de amizade, criadas nos "bons velhos tempos" de Seminário. Quanto à nossa dedicação de aproximar os Antigos Alunos através do Boletim é com gosto que o fazemos e daí a nossa disponibilidade.

Arrumando papéis e fotografias em várias gavetas (do 1º ano em Godim ao 7º no Fraião), verifico que éramos tantos mas ficaram tão poucos e refere que apenas restam na Congregação o P. Francisco Gonçalves e o P. Domingos Vitorino.

Recordamos a passagem do Evangelho de S. Mateus (22,14) "muitos são os chamados mas poucos os escolhidos"... Tendo como base as matrículas do ano 1952/53 em Godim, mais concluíram os seus estudos eclesiásticos: refiro o P. Martins Fernandes, (falecido em acidente ferroviário em março de 1970, na Silva) e outros que, por vários motivos, não o acompanharam na formação até ao 7º ano do Curso Complementar dos Liceus: o P. Alberto da Cunha Meireles (Missionário em Cabo Verde), o P. Santos Moreira (Secretário Provincial) e o Aprízio da Silva, (atualmente no estado laical).

A ideia de organizar um encontro/convívio, passados 65 anos, é possível, porque não? Essa ideia já havia sido sugerida pelo Luís Esteves Monteiro, do mesmo ano e de Argeriz/Valpaços, (falecido no Verão de 2015).

Estou disponível para organizar o convívio em Coimbra, se assim for desejado. Excelente ideia, no nosso entender. Encontro alargado ou restrito aos do ano de 1952/53 em Godim? Em qualquer dos casos a Direção apoiará...

**José Adelino Cardoso Veiga** **G55**

Comunico que passarei a ter um novo endereço eletrónico, agradeço a quem estiver interessado a respetiva alteração: [jfcfveiga@gmail.com](mailto:jfcfveiga@gmail.com)

Fizeste bem; seremos nós os primeiros interessados e só esperamos que as coisas corram segundo os teus desejos e empenhamento. Agradecemos o gesto.

**Joaquim Leal Pereira** **V57**

Correu nas páginas do Facebook um

rumor que tinha a ver com o estado de saúde deste nosso companheiro, natural de Fontelas e residente nos USA onde, na igreja de S. Patrício, em Nova Lorque, abraçou e exerce o ministério do diaconado.

Uma nova foto de perfil que nos deixou baralhados. “Metemo-nos a caminho” e para gáudio nosso recebemos a notícia: pessoalmente, estou bem depois de há duas semanas, inícios do mês de junho, ter sido sujeito a uma operação ao rim direito em que me extraíram uma massa para biópsia, - resultado patológico ainda não conhecido.

Uff! Respirei de alívio depois de tirar a limpo as coisas do diz que diz ...

Para já podes por as dúvidas em descanso. Obrigado!

**Abílio Rodrigues**

**G67**

Com a aproximação da comemoração e

celebração dos 50 anos após a primeira matrícula, em Godim, escreve-nos desde os USA para agradecer a oportunidade de ingressar nesse grupo tão significativo, (o Grupo UNIASES no Facebook) cuja existência causou em mim uma mistura de surpresa e orgulho.

E para não ficar para trás, sendo votado ao esquecimento, este nosso companheiro logo tratou de enviar e completar os dados para a adesão ao Grupo UNIASES. Afinal um bom exemplo que veio de longe em contraste dos que não chegam estando mais próximos, no que à adesão no Facebook/UNIASES diz respeito.

Para os seus contemporâneos, deixamos o seu endereço de e-mail: [abiliou-safriend@gmail.com](mailto:abiliou-safriend@gmail.com)

Agradecemos a colaboração. De nossa parte, sempre ao dispor.

**Renato Jorge Eusébio**

**G82**

Agradecia que me enviassem o UNIASES por e-mail, escreve. Suponho que o Tesoureiro anotou o pedido e agiu em conformidade; tratando-se de poupar uns cêntimos é certo e sabido que tudo fará o que estiver ao seu alcance. Descansa que terás o UNIASES via eletrónica. Na negativa, volta a insistir.

Mantenham este excelente trabalho, sei que não é fácil e requer muito do vosso tempo e dedicação, mas é uma excelente maneira de nos mantermos próximos como membros da nossa Família Espiritana.

Procuramos não nos afastar desses valores recebidos e que procuramos transmitir. É verdade que despendemos tempo, mas nada comparável com o gozo recebido pela entrega em favor dos outros, julgamos.

## ENCONTRO NA TORRE D'AGUILHA (Continuação da página 3)

### 23 DE ABRIL DE 2017

Alberto Melo

Caso haja sustentabilidade, é preciso fazer crescer o *crowdfunding* para o efeito criado, apelando à inscrição de novos associados e à distribuição dos livros já editados, cujas verbas recolhidas contribuirão para o seu incremento. Uma rápida afinação, com regência do Rogério, para os cânticos a levar à celebração da Eucaristia que seria presidida pelo P. Provincial.

Recolhida no momento do Ofertório a módica quantia de 270,00 euros e entregue ao CEPAC para ajudar a suprir algumas das dificuldades no desenvolvimento da ação social prestada.

Fotografia, refira-se a quantidade de fotógrafos, no final da Eucaristia e, no lugar do costume, nas escadas que conduzem à entrada exterior principal. Almoço, sempre animado, com pouca divergência do menu de anos anteriores, merecendo destaque a referência à falta do champanhe para brindar bem como à sobremesa. Nada de pastelaria. Procuraremos emendar, em próximos encontros, o descuido verificado. Era para marcar a diferença: Porto Lágrima de 10 anos em vez da Raposeira e Bolo caseiro versus pasteleiro. Uma cortesia da malta da capital aos seus colegas nortenhos e que não consta da carta da ementa oferecida pela cozinha da Torre d'Aguilha.



O café servido no bar, com muito ruído à mistura, mas sempre deu para um entendimento entre todos os comensais, 76 no seu total. A minifeira do livro, transportada da sala onde decorreu a sessão, decorria animada enquanto o Tesoureiro, de livrinho na mão, clamava pelo pagamento de quotas junto dos esquecidos e dos faltosos. Tanto uma (a feira) como outra (a cobrança) não se saíram mal da contenda.

Acertadas e pagas as contas pelo alojamento e almoço, eram já as 16h e pico quando a comitiva nortenha se aprontou para a partida. Abraços de despedida

com desejos de repetição para o próximo ano.

A todos os que contribuíram para esta jornada de alegria, são e franca camaradagem em dia de manifestação da família espiritana que celebrava os 150 anos de presença em Portugal, os nossos sinceros agradecimentos.

(Reportagem fotográfica do Silva Dias em:

<https://goo.gl/photos/hDVPYc8T3JdRcGCV6>) e <https://goo.gl/photos/yoS61A-GBi2ypmzGw8>

## O PROJETO MAAES

Armando Ferreira

*Estimados colegas ex-alunos do Espírito Santo,*

Foi lançada há tempos uma iniciativa a que foi dado o acrónimo de MAAES (Memórias dos Antigos Alunos do Espírito Santo - Colégios e Seminários).

O objetivo era e continua a ser o de trazer à luz do dia e à memória futura obras de professores, diretores, missionários ou alunos dos colégios e seminários do Espírito Santo, relativas à experiência educativa e formativa que foi missão da Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo particularmente nos séculos XIX e XX, para que não se percam, e pelo contrário se tornem disponíveis a quem se interesse ou venha a interessar-se pelo seu conhecimento.

Para tal, foi lançada uma campanha de *crowdfunding* que numa primeira fase criou um capital de mais de 4.000 euros dos 10.000 almejados pelo projeto, o que permitiu já a publicação de algumas obras, encontrando-se diversas outras em pipeline para serem também publicadas.

Certamente que com o presente apelo o fundo acabará por atingir o montante planeado, que foi estudado para permitir um ciclo de publicações em ritmo sustentado pelas vendas das publicações ao longo dos próximos anos.

A conta para transferências e depósitos na MAAES é agora e em definitivo a conta dos ASES, a saber: **0035 2008 0003 8874 930 35 (CGD)**, estando a gestão da mesma a cargo do Tesoureiro (Francisco Pinto) e a quem convém notificar sobre esses movimentos bancários.

Para facilitar o escoamento dos livros com a chancela MAAES, e distribuídos à UNIASES, acabou por ser estabelecido um preço único para todos (10,00€), que já inclui portes de correio; em caso de entrega direta, o preço será de 8,00 euros.

Escusado será dizer que havendo algum dos ex-colegas que tenha uma obra em rampa de lançamento, a MAAES tem como

vocação pegar no assunto, podendo/devendo ser contactados quer o Alberto Melo, quer o Cunha Pinto, quer ainda o Timóteo Moreira, quer eu próprio, Armando Ferreira.

Abraço.

*[Nota da Redação: Livros cuja difusão nos foi, em parte, confiada e que temos ainda em stock: PENSAR, AMAR e FALAR, da autoria do P. José Maria de Sousa, CSSp; brevemente, juntaremos à lista O MISTÉRIO DE CRISTO, do P. José Fagundes Pires, CSSp, a sair em julho.*

*(REZAR COM S. MATEUS, da autoria do P. Eurico Azevedo, está ao cuidado da LIAM, cujos valores recolhidos se destinam inteiramente para o CEPAC).*

*Aceitam-se encomendas nos moldes acima referidos.*

*Sobre a capa de "O Mistério de Cristo" que vem aparecendo nas redes sociais... trata-se ainda apenas de um ensaio, podendo ser diferente a sua versão final.]*

### Editora MAAES CROWDFUNDING

CONTA PT50 0035 2008 0003 8874 930 35

(EXTRATO 6)

<b>Saldo anterior (Uniases 185)</b>		<b>2.647,48 €</b>
<b>PENSAR</b>	16,00 €	
<b>AMAR</b>	148,00 €	
<b>FALAR</b>	90,00 €	254,00 €
<b>SALDO MAAES na conta ASES (30-06-2017)</b>		<b>2.901,48 €</b>

## ECOS do BOLETIM n.º 185

Exmo Diretor do UNIASES

Acabo de receber a edição do Boletim n.º 185 via e-mail, agradeço as referências que faz à homenagem póstuma antecipada que me fizeram na minha freguesia de Alfena.

Do discurso de agradecimentos que deveria pronunciar na ocasião li apenas uma página e avisei que estava numa sentença para quem quisesse ler tudo.

Apareceram tantos clientes e sugestões que tal deu origem a mais uma publicação com o título «Alfena Princesa do Leça». Como bem diz, afinal foram os ASES que fizeram a festa póstuma transferida; a paróquia passou ao lado devido a má informação e combinação.

Tudo o mais que vem no UNIASES está muito bem apresentado, gostamos de ler mesmo o que já sabemos: convivi com o

nosso tão querido padre José Manuel Sabença aqui de perto na mesma casa durante três anos, que joia de pessoa... daquilo parece que já não se fabrica.

Igualmente com o meu homónimo P. José Maria Moreira que me tratava por meu xará, vivemos horas alegres e tristes na missão do Pópulo quando estivemos 10 dias de uma vez e 15 doutra sob fogo intenso, as balas entrando por todos os lados...!

Já estão no reino da felicidade à nossa espera e intercedendo por nós.

Bem hajam diretores e colaboradores do UNIASES, parabéns. Obrigado!

*Pjmdesousa cssp*

## RECORDANDO VIANA DO CASTELO – 1

Alberto Melo

Não fiquei indiferente à fotografia, em tempos atrás 'postada' por Francisco Miranda de Sousa no Facebook/UNIASES e que gerou, a seu tempo, uma onda de comentários entre seus contemporâneos, dos quais se deu conta na rubrica de "Correspondência Recebida" nas pág. 10 do Boletim UNIASES, n.º 184 (outubro a dezembro de 2016).

Assim, fui atirado para o já longínquo ano da graça de 1956 quando não tinha doze anos ainda. Nessa idade, as coisas ficaram gravadas a fogo na minha mente: imperecíveis e sempre presentes, ontem como hoje.

Saudosismo? Nem por isso. Mais do que uma tênue e fugaz lembrança, uma recordação que persiste em me perseguir. Depois de um primeiro ano, ultrapassado com distinção, no seminário de Godim, fui um dos felizes contemplados para frequência do 2º ano em Viana do Castelo que, em 1956, abria as portas, depois de remodeladas as instalações dos cursos filosófico e teológico e adaptadas às exigências/necessidades de um 'escolasticado', dito de menor (1º e 2º ano), que comportaria o bonito número de 109 matrículas no total.

Para uns, os do 1º ano, a primeira vez, para os restantes, os do 2º ano, a continuação da formação anteriormente recebida ou na Silva ou em Godim, bem como a de outro(s), vindo(s) de outras paragens, ingressara(m) diretamente no ano final do primeiro ciclo.

Ressaltando, de imediato, a pertinente questão acerca da acomodação de tanta gente em espaço exterior tão diminuto e com maior acuidade, em tempos de chuva, insuficiente era o abrigo que o claustro interior oferecia. Reminiscências de mudanças nem sempre bem-sucedidas que posteriormente foram sendo corrigidas: um grande barracão, no ano de 1959/60, para recreio dos alunos em dias de inclemência atmosférica e, no ano de 1972, melhoramentos significativos nos campos de recreio exteriores, nomeadamente no que se designava de campo de futebol... hoje escondido, por completo, sob exuberante vegetação, como se pode verificar/imaginar pela foto anexa.

Para não perder o fio à meada ou para não a embarçar, retornemos atrás, aos



tempos em que eram ministrados os cursos de Filosofia e Teologia no seminário de Viana e ao ano (1956) em que pela primeira vez era recebido uma parte do 1º ciclo, já que a outra residia em Godim.

Com apenas uma faixa de terreno com 70 a 75 metros de comprimento por trinta e cinco metros de largo, que servia, aos formandos, de recreio exterior e onde eram praticadas algumas modalidades desportivas. Esse espaço, manifestamente exíguo para albergar mais de uma centena de jovens adolescentes, que necessitavam da sua ampliação para dar larga às suas traquinices, transitou inteirinho para as necessidades das novas valências, destinado ao usufruto dos de mais idade.

Ao lado havia uma horta, que nos dias de hoje diríamos biológica, aos cuidados do Irmão Sávio, onde pontificavam algumas frutícolas, como pereiras e macieiras ao par de tomateiros de mãos dadas com pés de couve, prontinha para dar largas aos espaços lúdicos, onde se aninharia a outra metade dos alunos, os mais novos. Não diria excelente o resultado, mas tolerava-se, ainda que se nos acotovelássemos uns aos outros. O espaço, delimitado por ramadas, não teria mais do que 250 metros quadrados, cerca de cinquenta por quarenta e cinco metros.



Atendendo a essas contingências, não era costume a prática do desporto-rei entre equipas de onze elementos. Apenas me recordo de uma única vez ter jogado no campo maior, onde até, por sinal, marquei o golo do empate num jogo realizado em dia de passeio encurtado na distância e no tempo. De outras me lembro em que o futebol praticado era o de praia, nas areias do Cabedelo ou no 'sintético' da margem esquerda do rio Lima, nas cercanias da capelinha de S. Lourenço, a jusante da ponte Eiffel, quando o rio, reduzido a um fio de água, nos permitia desfrutar, muito raramente, daquele piso endurecido, mas areento.

Nos anos de 1960 começaria, numa segunda fase, a fazer-se a junção de ambos os espaços, dando origem a um pelado jeitoso, onde se defrontaram equipas do exterior, ao jeito de um torneio interseminários, com a foto (1964/65) a dar conta da equipa que defrontou os Carmelitas Descalços, com seminário à entrada da Ponte, tendo obtido um resultado favorável de 3 – 0 e em que reconheço algumas caras que viria a encontrar, mais tarde, no Fraião, no tempo em que ali estivera a dar aulas de 1968 a 1970.

Mais tarde, numa terceira e última fase, nos anos de 1970 (como o descrevem os testemunhos relatados no Boletim 184 e página acima citados), o recinto desportivo sofreria obras de beneficiação e nova ampliação, de que daremos conta, através de imagens, desse importante melhoramento, caso se propicie a continuação da narração ou sejam chamadas à rubrica "Baú das Recordações".

Virados que estamos para o exterior, em próxima oportunidade farei uma viagem ao interior da memória e trarei a lume recordações sobre passeios, e outras cenas, que o tempo ainda não fez esquecer. Felizmente!

# O ESPÍRITO SANTO E EU (...) (Continuação do N.º 185)

## Sexualidade Desporto & Lazer

Boanerges F. Borges

### DESPORTO

A solução das primeiras preocupações com o físico era entregue aos professores de ginástica que, conforme já foi referido, eram jovens oficiais do exército e da GNR. Duas vezes por semana havia uma hora de ginástica. Apesar do equipamento ridículo que usávamos, as sessões eram bastante puxadas e terminavam num jogo com bola, com o professor a servir de treinador para ensinar regras e corrigir as formas de jogar e de árbitro para dirigir os encontros e dirimir os confrontos se os houvesse. As aulas decorriam ao ar livre, mesmo com temperaturas baixas, excepto quando chovia, altura em que se recorria ao barracão que estava atribuído a cada um dos pavilhões. A pobreza espartana em que se vivia não permitia que houvesse muita variedade nem quantidade de equipamentos e os que havia eram aproveitados até à exaustão. Só havia duas ou três bolas de futebol, que serviam também para os jogos de andebol e voleibol e andavam quase sempre com gomos meio descosidos e pareciam ter hematomas por todos os lados. Não havia espaldares, mas havia um plinto em muito bom estado e um razoável trampolim.

Conforme foi referido noutro capítulo, de manhã, antes de iniciar as aulas, havia um recreio de média dimensão (30 minutos). A separar as aulas havia intervalos de 10 minutos. Depois do almoço havia recreio grande (superior a 1 hora). Depois da última aula e do jantar, novos recreios médios.

Todo este tempo de recreio era preenchido com jogos: - nos recreios mais pequenos, de corrida, do tipo apanhada e jogo da barra; - nos médios e no grande, de jogos com bola, futebol, andebol e voleibol. Não havia basquetebol, talvez por a maioria dos alunos ser composta por gente com estatura pouco elevada.

No verão, os recreios maiores decorriam nos barracões, a coberto da torreira do sol e eram preenchidos com jogos de menor exigência física, como o ping-pong de que havia alguns bons praticantes, cartas e jogos lúdicos caseiros.

No ano em que entrei para o Fraião já decorria a construção de um campo de futebol, mais consentâneo com as ne-

cessidades de toda a comunidade. De facto, até essa altura sempre fora utilizado o espaço existente entre os três pavilhões, que era extremamente exíguo para esse efeito e tinha os vidros das janelas mesmo ali à mão de semear, prontos a levar uma bolada, com os efeitos que se adivinham.

Para construir o novo campo, que estava muito longe de possuir as medidas regulamentares mínimas, tinham sido derrubadas bastantes árvores da pequena mata que rodeava o edifício postado lá em cima, ficando um enorme declive entre o ponto mais alto e o mais baixo destinado ao terreno de jogo. Como não é recomendável jogar futebol em campo inclinado, impunha-se escavar toda a massa de terra que ficava na parte mais alta e removê-la para a parte mais baixa, de forma a eliminar o declive e tornar o terreno completamente nivelado na horizontal. Eram umas boas toneladas de entulho que era necessário remover, de um extremo do novo campo para o outro. Naqueles tempos gloriosos, uma máquina para fazer terraplanagem não era coisa que se encontrasse ali, à mão de semear, e a sua utilização era necessariamente cara. Já sabemos também, como eram escassos os recursos financeiros e até falámos de vida espartana na congregação. Por outro lado, havia ali muita gente jovem, com ricos corpos que precisavam de movimento. Os senhores padres juntaram dois e dois e decidiram pôr os alunos ao serviço de uma causa de que eles seriam os primeiros beneficiários. Sacholas, pás, picaretas e carrinhos de mão, não eram materiais assim tão caros e foram adquiridos em quantidade suficiente. Depois, foi só necessário organizar as equipas que, diariamente, durante o tempo das actividades de limpeza e manutenção, iam executar o hercúleo trabalho. E fez-se. E uma vez mais ficou provado que a determinação, a organização e a motivação podem fazer milagres, mesmo quando os recursos são escassos.

Os resultados não foram deslumbrantes: - no final, faltou um cilindro para comprimir e alisar o terreno e evitar que a água da chuva deixasse sulcos no piso, que dificultavam as manobras dos craques mais tecnicistas. Mas passámos a ter

um espaço, onde era possível disputar um arremedo de jogos a sério e o entusiasmo da juventude superava qualquer contratempo deste género.

É curioso que não retenho na memória a realização de qualquer jogo importante entre equipas de anos diferentes ou de um pavilhão contra o outro, para além de um célebre jogo de andebol entre a equipa do 4º ano do pavilhão sul e a do 3º ano, do pavilhão norte, que mereça a pena contar em pormenor. Felizmente, alguns dos jogadores de então ainda agora se encontram, uma vez por mês, para almoçar em Lisboa e recordam peripécias desse encontro.

Teve de haver um acerto prévio, em que intervieram os padres responsáveis por cada um dos pavilhões, porque de outro modo seria completamente inviável encontrarmo-nos, ou sequer falarmos uns com os outros, sem a devida autorização. Mas importa, antes do mais, esclarecer de que andebol vamos falar e o ambiente e as causas próximas que o proporcionaram.

Naquela época apenas se jogava o chamado andebol de 11, porque cada equipa era composta por 11 elementos, que disputavam o jogo num vulgar campo de futebol, com as balizas ligeiramente mais estreitas. A bola também era mais pequena, como as actuais, e podia-se transportá-la pelo campo fora com o limite de três passos sem batimento. Havia uma área de limite do guarda-redes semelhante à do actual andebol de sete.

No seminário jogava-se muito um simulacro deste jogo, com as limitações de natureza espartana já conhecidas: - os campos eram muito mais pequenos por não haver espaço disponível para tantas turmas; - as balizas eram demarcadas por dois riscos feitos no chão; - as bolas eram as mesmas do futebol, grandes, velhas, cheias de trombos e sem possibilidade de um simples mortal a segurar com uma só mão, excepção feita a quem tivesse mãos de orangotango, e havia-os lá. Para rematar com alguma força e eficácia, o comum dos mortais tinha de sobraçar a bola com o antebraço e a mão e armava o remate recuando lateralmente o conjunto braço, antebraço e mão, que cercava a bola para a segurar. Depois, com a ajuda do tronco, projectava

o conjunto para a frente e largava a bola em direcção ao alvo. Era penoso, difícil e pouco eficaz.

Para quem tinha as já referidas mãos de orangotango, mercê da idade e da compleição física, a coisa tornava-se muito mais fácil e eficaz: - bastava segurar a bola com a mão mais dextra, levantar, recuar o braço e desferir o remate com muito mais força, direcção e consequente eficácia. No 4º ano havia um, de nome Gonçalves de Carvalho, grande, pesado e um tanto lento de movimentos e no 3º também havia um de nome Isaú, igualmente grande, mas ágil e felino, de origem cabo-verdiana. Estes elementos eram uma enorme mais valia para as respectivas equipas, pela quantidade de golos que marcavam e pelo receio que infundiam aos seus adversários.

Provavelmente por isso, alguém teve e desenvolveu a ideia de pôr as duas equipas em confronto. Obtida a respectiva autorização, marcou-se o dia do embate com a antecedência suficiente para permitir que as equipas se preparassem convenientemente, o que elas fizeram com o máximo rigor, até ao mais pequeno pormenor. Como este escreva era o guarda-redes do 4º ano, está mais ou menos a par do desenrolar do processo e pode recordar alguns detalhes curiosos. Conforme já foi revelado, os seminaristas não usavam calções, mesmo para fazer ginástica. Dada a importância do evento, considerou-se que esta barreira podia e devia ser ultrapassada, e não estiveram com meias medidas: - foram mobilizados os colegas com mais experiência ou jeito para costurar e incumbidos de dobrar e fixar, com alinhavos, as pernas das calças de cada um dos jogadores, que assim se apresentaram como autênticos

atletas. Ficavam um bocado ridículos, mas ninguém reparou.

A estratégia para o desenrolar do jogo era semelhante para as duas equipas. Era absolutamente essencial anular o tal mãos de orangotango, da equipa adversária e, para isso, foi destacado o segundo elemento mais corpulento da primeira formação, para ficar grudado ao orangotango da segunda, e vice versa. Para o anular, valia tudo menos tirar olhos.

O palco do embate não podia ser melhor nem mais neutro. Era o espaço existente entre os dois pavilhões, que tinha, ao meio de cada topo, umas balizas sem rede, utilizadas nos raros jogos de futebol que ali se realizavam.

Para árbitro, foi escolhido o Padre Celestino que, até por ser padre, ficaria acima de qualquer suspeita de parcialidade.

Enquanto decorriam estes e outros preparativos, a peleja foi divulgada pelo jornal da caserna e as claques foram-se preparando informalmente.

Cada pavilhão adoptou como sua representante a equipa lá instalada, e começaram a surgir sintomas de velhas rivalidades que nem tinham razão de existir. A simples conversa e uns ditos atirados à socapa, eram achas que iam alimentando a fogueira da rivalidade e quando chegou a hora do dérbi, o ambiente estava a escaldar, ao rubro, como nunca se tinha visto por aquelas bandas, normalmente muito pacatas.

As equipas entraram em campo sob os aplausos dos apaniguados. O jogo começou e decorreu de forma equilibrada, com poucos golos, resultando em pleno as estratégias delineadas para controlar os elementos fortes do adversário. Como guarda-redes, quase não toquei na bola, resultando em golos as poucas vezes que lá foi.

Eis senão quando, o aríete Isaú escapava-se à defesa, remata para o lado direito do guarda-redes e a bola ressalta para dentro do campo. Jogadores e adeptos do pavilhão norte gritam GOOOLO!

O árbitro diz que não senhor, porque a bola embateu no poste e ressaltou para dentro do campo e, portanto, não era golo. As hostes do lado sul ficaram quietas e caladas, porque a decisão as favorecia, mas não havia quem acalmasse as do norte que protestavam longa e cada vez mais veementemente, sem que o árbitro alterasse a sua decisão.

Confesso humildemente que cometi uma pequena safadeza. Evidentemente, eu era a pessoa mais bem colocada para visualizar o sucedido. Mas ninguém me perguntou e eu também não disse que tinha sido mesmo golo. O árbitro e muitas outras pessoas terão sido enganadas pelo facto de haver uma árvore de razoável porte, que ficava um ou dois palmos atrás do poste direito da baliza. A bola não embateu no poste mas sim na dita árvore depois de ter entrado, ressaltando de seguida para dentro do campo. A rapidez e a violência do remate também ajudaram a instalar a confusão.

O jogo acabou com o resultado de 5 x 3 a favor do 4º ano e o pavilhão norte ficou inconformado, com alguma razão, digase de passagem. Mas deve ter perdido a cabeça e a razão nas atitudes e nos protestos que se lhe seguiram e se prolongaram pela noite adentro. No dia seguinte, de manhã, no telhado do pavilhão norte e voltado para o pavilhão sul, estava um cartaz que tinha escrito, em grandes letras encarnadas, a palavra LADRÕES.

Desconfio que os Padres nunca mais devem ter autorizado um jogo entre equipas dos dois pavilhões.

*(continuação no próximo Uniases)*

## ESTANTE

### TUDO SE TRANSFORMA (Continuação da página 16)

O pensamento humano tem mesmo assim feito a sua caminhada, correcção após correcção, melhoria após melhoria, novidade após novidade, o PENSAR do padre José Maria de Sousa está ainda fresco na nossa memória e é disso exemplo. Agora a simpática colecção espanhola de 40 + 20 livros permite novo balanço. "De Que Espírito Somos?" poderíamos lembrar com o padre Joaquim Alves Correia, quem não gosta de se definir, eu sou mais prá esquerda, mais prá direita, crente assim, crente assado,

não crente mas, não crente sem mas. Do rol imenso das escolas de pensamento, uma simpatia mesmo assim para as vulgarmente chamadas pagãs, tão sagradas como as outras, tudo lá se acomoda em luminosa e poderosa potência. Quem não admira a singularidade de um Sócrates? Quem não pára para pensar no modelo ambulante de um Diógenes, esse, aquele que dizem se abrigava em meia pipa, vazia, e andava em pleno dia pelos caminhos de Atenas, candeia

acesa, à procura de um homem, dirão os brincalhões que andava apenas no engate... De cínico o apelidaram, família de cão, hoje uma coisa horrível, miserável, palavra reservada para gente menor, abaixo de cão, e eu até penso que o cinismo, aparentemente destrutivo apenas, é ainda uma boa forma de fazer alguma coisa por este mundo de espectáculo, de aparências, de mentiras. Cão é o mundo. Mas o diabo é que não temos outro e vamos ter de continuar à procura.

# O QUE SE NÃO DISSE SOBRE ANGOLA 1958/1973<sup>(1)</sup>

António Albérico Meireles

**Nota da Redação:** *Este nosso companheiro e antigo aluno exerceu o cargo de Chefe de Posto, em Angola, de 1958 a 1973. Outros, em Moçambique. O posto administrativo, a menor divisão administrativa da maioria dos territórios ultramarinos de Portugal, à era colonial, foi criado fora das proximidades dos centros decisores, em locais que não dispunham das condições de desenvolvimento económico e social para se constituírem em autarquias. Na sua área de ação, o Chefe de Posto exercia uma autoridade alargada, por inerência da função, com competências administrativas, policiais, sanitárias, fiscais, estatísticas, geográficas, cadastrais, notariais e judiciais. O Meireles viveu e sentiu na pele todo aquele clima*

*de terror, de atrocidade e de sevícias desencadeado pela eclosão da Guerra Colonial em Angola em Março de 1961 e que não pôde nem pode calar, a atestar por tudo quanto escreveu e que lhe valeu como recompensa ter a PIDE sempre à perna, e da qual não se livrou, e sempre em permanente fricção. Mais do que revoltado, sente-se injustiçado. À guisa dos relatos referidos no UNIASES (n.º 179 e n.º 180 de 2015) aqui deixa, na primeira pessoa, parte do que experimentou e viveu, proporcionado e acicatado pelo artigo **Pão com Manteiga** (UNIASES n.º 180). Seguindo a direção de Norte para Sul de Angola, conforme passagem/mobilidade de Posto para Posto, eis o seu relato, a sua história afinal:*

Após ter saído de Sanza Pombo para Cangola, Distrito do Uíge, Norte de Angola, à data dos acontecimentos de 1961, fiquei isolado e encurralado com 23 homens no sótão de um edifício do Estado, cercado com troncos de árvores e arame farpado, acompanhados de granadas, espingardas e comunicações. Noites e dias terríveis, aqueles!... A população africana tinha fugido para o mato onde se refugiara. Numa noite de nevoeiro, um elemento do IN entrou dentro do reduto e regou-o a toda a volta, com gasolina, para nos incendiar. Aqui recebi a seguinte mensagem que nunca vi escrita em livro: "**Material inútil: seja abatido à carga**". Ia morrendo de ataque cardíaco!...

Chegámos a comer casca de arroz e farinha extraída dessa mesma casca. Quando já nada mais havia para comer, apareceu um avião da força aérea a lançar no ar alguns alimentos e balas de "Mauser" que caíram no meio da povoação; manteiga, nem vê-la. Até à data em que os militares chegaram ao Cangola, tinha por cama uma tábua lisa e desnudada onde me deitava sempre vestido, muitas das vezes, cheio de fome e sem conseguir pregar olho.

Alguém me sabe dizer o que foi feito ao furriel Mendes, morto e esquartejado em Caiongo, metido num barril salgado, tal como foi encontrado pelo comando quando o foi buscar? Ainda no Cangola, vi, como outras pessoas viram, "frascos com pedaços de orelhas e dedos da mão embebidos em álcool para trazer para Portugal como recordação"? Quem matou os presos que estavam na cadeia em Cangola e aonde os foram enterrar vivos em vala comum? Aqui, vou ter que engolir outros episódios terríveis que ficam por contar e não mencionar diversas atrocidades quer por parte do IN quer dos militares portugueses.

Regressado de Portugal, mal chegado a Luanda, fui enviado, através de uma deslocação em terra batida, a chefiar o Posto de Quiage-Dembos. A tropa de Salazar não nos fez escolta; foi um funcionário do Governo do Distrito que, voluntariamente, se ofereceu para me levar acompanhado de duas filhas e de minha esposa grávida de gémeos; durante o percurso tivemos que empurrar, a custo e com muito sacrifício, o 'Jeep', em que era suposto sermos transportados. Em consequência, um dos gémeos viria a falecer passados dois meses após o parto; chegando até a constatar que o Chefe de Posto e a família tinham sido mortos pelos 'pretos', quando tive que me deslocar ao aeroporto para proceder à evacuação de minha esposa.

Jesus Cristo esteve sempre connosco... que o digam o Padre Janeiro e o Padre Mota a quem, tudo isto, contei e lhes pedi para ir ao Quiage fazer, pela primeira vez, a visita Pascal...

Já no Posto de Tango, consagrado a Nossa Senhora de Fátima, por ocasião da primeira visita de sua imagem a terras de Angola. No dia de 24 de dezembro, véspera de Natal, tive que deslocar-

-me à fazenda de F. Lima, pois os naturais e assalariados que ali trabalhavam haviam fugido para o capim, pois constava que queriam matar os brancos que ali prestavam serviço. Mulher e filhos trancados no Posto, e lá fui eu, acompanhado apenas do 'meu' cipiao, estabelecer a ordem e colocar toda a gente em paz. Graças a Deus que tudo correu pelo melhor.

Não estou arrependido de todo o bem que fiz pelas populações angolanas; foi meu dever e minha obrigação, mas sempre confiando em Deus, apesar de ter passado por tanto sofrimento que não desejo a ninguém neste mundo.

Já no Posto de Luando, depois de ter passado por outras localidades, onde conheci um General que fez xixi calças abaixo, (ouvi-o de viva voz)... e que veio a ser promovido, a título póstumo, a Marechal. Certa noite, bem perto das duas da madrugada, senti bater à porta. Fui abrir e deparei com o agente Gil da PIDE, acompanhado de dois inspetores, um de Luanda e outro de Lisboa. Adivinhei ao que vinham e antes que me interpelassem, atirei-lhes, sem demora:

- Se vêm para me prender por causa dos autos-crime (a PIDE local, sem justificado motivo, havia matado um preto) por mim levantados enquanto Juiz do Julgado Municipal, se veem para me prender e levarem para parte incerta, tragam-me um ofício dos meus superiores hierárquicos, pois não será agora nem nunca que me vão "limpar o sebo".

Por delegação do Procurador da Justiça fiz a autópsia e auto de levantamento de cadáver, seguindo os seus trâmites normais.

Por hoje, vou terminar, sem antes lembrar coisas insólitas, tais como: lacraus e morcegos a caírem sobre os tachos e panelas enquanto cozinhas ou cobras no meio dos lençóis em que me ia deitar... Muito mais teria para contar, factos muito piores do que aqueles que acabo de descrever e que tenho registado em livros e pastas pessoais que deviam fazer parte da história colonial portuguesa.

Hoje, estou em Águeda e não mais regressarei a Angola; quanto aos senhores da PIDE, perdi-lhes o rasto. Tive todo o apoio do meu Governador de Distrito que me encorajou ao dizer-me: trabalhe como tem trabalhado até aqui", bem como da parte do senhor Procurador que me elogiou dizendo: "deu-me uma grande lição de justiça e de coragem... e se for preciso alguma coisa da minha parte não tenha receio em pedir".

Tenho a consciência de ter combatido o bom combate, sempre apoiado na força que me vem de Jesus Cristo, Rei e Senhor do Universo. E hoje? Tantas pessoas a morrer à fome e sem "Manteiga". Estou com todos os que sofrem de qualquer modo e passam fome.

Coragem, porque Deus está connosco. Ele virá fazer Justiça, na celebração do Ano do Perdão e da Graça, Ano de Plenitude.

(1) *Título de Livro ainda não publicado...*

## NOTÍCIAS TRISTES ...

Por informação de familiares próximos e/ou por devolução do Boletim UNIASES com a indicação de “falecido”, tivemos conhecimento do óbito de:

### AS 1281 – José Maria de Campos Fernandes

Natural de Aboim/Barcelos onde nasceu a 13 de Agosto de 1923, faleceu no Porto em Dezembro de 2014 com a idade de 91 anos. Do Curso de 1938/39, na Silva.

### AS 390 – António Pinho Fontes

Natural de Sanguedo/Santa Maria da Feira, onde nasceu em 3 de Maio de 1944, faleceu em 12 de Novembro de 2016, em S. João da Madeira, onde era residente, com a idade de 72 anos. Foi a sepultar no Cemitério n.º 3 desta cidade. Do Curso de 1954/55, em Godim.

### AS 1477 – Manuel António de Seixas

Natural de Fonte Arcada/Sernancelhe, onde nasceu a 21 de Ja-

neiro de 1933, faleceu com a idade de 83 anos, era residente em Queluz.. Do Curso de 1945/46, em Godim.

### AS 1802 – Pedro Pascoal

Natural de Vila Nova/Armamar, onde nasceu a 20 de Julho de 1993, faleceu em Santa Cruz/Armamar, onde era residente, com a idade de 82 anos. Do Curso de 1947/48, em Godim.

### AS 2298 – Bernardino da Costa Maia

Natural de S. Veríssimo/Barcelos, onde nasceu em 2 de maio de 1947, faleceu com a idade de 70 anos, era residente Galegos Santa Maria/Barcelos. Do Curso de 1958/59, em Viana do Castelo.

### AS 2470 – Mamede Nascimento Rodrigues

Residente e natural de Vale do Porco/Mogadouro, onde nasceu a 20 de Março de 1945, faleceu em 21 de Abril de 2017 com a idade de 72 anos. Do Curso de 1959/60, em Godim.

## TESOURARIA

### ABRIL / JUNHO 2017

N.º	Nome	Conta	Montante
18	Abílio Sá Costa	QUOTAS	20,00 €
41	Adriano Pereira Carreira	QUOTAS	20,00 €
42	Adriano Pereira Rodrigues	QUOTAS	30,00 €
46	Adriano Santos Quartau	QUOTAS	50,00 €
50	Afonso Nunes Santos Pereira	QUOTAS	50,00 €
2152	Agostinho Artur Ricardo	QUOTAS	30,00 €
53	Agostinho Aug. Codeço Pereira	QUOTAS	40,00 €
2742	Agostinho José Dias Magalhães	QUOTAS	10,00 €
101	Alberto Ribeiro Melo	QUOTAS	25,00 €
2748	Américo Pereira Espírito Santo	QUOTAS	80,00 €
183	Amilcar Oliveira Fernandes	QUOTAS	20,00 €
193	Angelo Silva Resende	QUOTAS	50,00 €
2749	António Alves Pereira	QUOTAS	20,00 €
243	António Costa Furtado	QUOTAS	20,00 €
279	António Francisco Lopes Monteiro	QUOTAS	20,00 €
313	António José Cardoso Soares	QUOTAS	20,00 €
2834	António Manuel Rocha	QUOTAS	30,00 €
450	Armando Dias Sarmento	QUOTAS	10,00 €
452	Armando Ferreira Vilhena Silva	QUOTAS	20,00 €
474	Armindo Martins Vilaça	QUOTAS	20,00 €
2541	Artur José Felisberto	QUOTAS	40,00 €
2164	Augusto Abreu Gomes Ferreira	QUOTAS	20,00 €
534	Boanerges Fonseca Borges	QUOTAS	40,00 €
621	Daniel Martins Brito	QUOTAS	30,00 €
2514	Diniz Agostinho Gaspar	QUOTAS	100,00 €
701	Ernesto Pereira Gomes	QUOTAS	30,00 €
2916	Fernando Renato Baptista Celorico	QUOTAS	25,00 €
756	Fernando Teixeira Cardoso	QUOTAS	25,00 €
2798	Francisco Ant. Castro Gonçalves	QUOTAS	50,00 €
786	Francisco Cunha Pinto	QUOTAS	20,00 €
3023	Francisco Soares Silva	QUOTAS	20,00 €
919	João Carlos Roque Azevedo	QUOTAS	30,00 €
923	João Costa Rego Pe.	QUOTAS	70,00 €
927	João Dias Alves Silva	QUOTAS	10,00 €
958	João Nunes Garcia	QUOTAS	30,00 €

N.º	Nome	Conta	Montante
1021	Joaquim José Azevedo Moreira	QUOTAS	30,00 €
1040	Joaquim Mendes	QUOTAS	20,00 €
2942	Jorge Alberto Viegas Bárbara	QUOTAS	20,00 €
1100	José Adelino M. Cardoso Veiga	QUOTAS	20,00 €
1107	Jose Alberto Moreira Rego	QUOTAS	70,00 €
1147	José Cândido Gomes Ferraz	QUOTAS	20,00 €
1163	José Conceição Silva	QUOTAS	30,00 €
1171	José Custodio Lopes	QUOTAS	150,00 €
1171	José Custódio Lopes	QUOTAS	150,00 €
1171	José Custódio Lopes	QUOTAS	200,00 €
1211	José Herminio Costa Machado	QUOTAS	20,00 €
3045	José Manuel Oliveira Matos	QUOTAS	50,00 €
1319	José Nepomuceno Silva Dias	QUOTAS	30,00 €
1331	José Pereira Costinha	QUOTAS	20,00 €
2773	José Vaz	QUOTAS	50,00 €
2181	Manuel António Pousa	QUOTAS	20,00 €
1487	Manuel Assunção Casalta	QUOTAS	20,00 €
2896	Manuel Barroso Gonçalves	QUOTAS	20,00 €
1532	Manuel Fernando Faria Souto	QUOTAS	20,00 €
2008	Manuel Gonçalves Cunha	QUOTAS	10,00 €
1556	Manuel Gonçalves Vilela	QUOTAS	20,00 €
1569	Manuel Joaquim Couto Pereira	QUOTAS	50,00 €
1598	Manuel Lopes Oliveira	QUOTAS	20,00 €
1677	Manuel Valentim Costa	QUOTAS	20,00 €
1979	Porfírio Esteves Lopes	QUOTAS	20,00 €
1825	Ricardo Jorge Paiva Macedo	QUOTAS	50,00 €
1835	Rogério Silva Carmona	QUOTAS	15,00 €
1855	Sebastião Caldeira Ramos	QUOTAS	30,00 €
1866	Serafim Couto Volta Silva	QUOTAS	20,00 €
2819	Sidónio Lima Martins	QUOTAS	12,00 €
2388	Valdemar Fernandes Chaves	QUOTAS	30,00 €
			2.382,00 €

### DISTRIBUIÇÃO DE “LEVADOS POR UM SONHO”

Distribuídos até 30-06-2017	378	7.560,00 €
Ofertas	51	0,00 €
Para distribuição	91	

# ESTANTE TUDO SE TRANSFORMA

Por Joaquim Moreira



Fez sete anos o quinzenário "As Artes Entre as Letras", fabricado cá

pelo norte. Fez sete anos e morreu como tantas outras publicações. Tratava-se, como se depreende, de uma publicação com interesse relativo a quem gosta da matéria. Por isso o ia adquirindo. Mas brincava quase sempre com o dono da Tabacaria, 'ameaçando' que só lho comprava se trouxesse a crónica do Cadilhe. Pensava que Alberto Cadilhe era o Ás nosso antigo e distinto colega, dos lados da Póvoa de Varzim, irmão de outro Cadilhe, Miguel, que já foi Ministro, das Finanças, do inefável Cavaco. As suas crónicas quase quinquenais eram de estrutura clássica, aquele tipo de texto a que fomos habituados no seminário, um objecto bem definido, uma estruturação clara da ideia, pontuação correcta, parágrafos, etc., de forma que o leitor pudesse apreender e aprender alguma coisa. Assim sucedia nos textos do Dr. Cadilhe, que deduzia ser advogado de profissão. Leio depois no Uniases que o Cadilhe morreu, aos 76 anos, trampa de vida, acho que foi cedo demais. Já esta crónica estava feita e aqui vai.

Um dia tocou-me particularmente a sua crónica intitulada "Interpretação extensiva ou analógica de um texto" onde, alertando para uma "postura quiçá arrojada e atrevida" da famosa lei de Lavoisier "Na natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma", propunha que ela se alargasse também ao "campo imaterial, (...) aos fenómenos psíquicos, à política, à arte, às regras sociais e à cultura". Podia também ter falado em pensamento, que é o que me interessa, mas isso pode também estar incluído nos "fenómenos psíquicos", e é mesmo das transformações do pensamento que pretendo falar, adiante.

Setentário, isto é, dentro dos setenta, dei por mim a fazer religiosamente a 'assinatura' de uma colecção de 40 livros 40, entretanto alargada para 60, sobre os principais Autores e Escolas do pensamento filosófico, dos pré socráticos aos

pós modernistas, uma edição de proveniência espanhola, EMSE EDAPP (?), em Portugal propriedade da Cofina, por acaso a do nosso tabloide mais famoso, cor-reio da manha, edição muito esmerada, a da colecção, capa dura, mancha gráfica atraente e, aparentemente, um tratamento acessível e justo dos Autores e das Escolas, vontade minha de acertar ideias com a história, coroada agora na felicidade de uma criança que acabou com êxito a sua caderneta de cromos ou coisa assim.

Mas a que propósito refiro aqui a crónica do Cadilhe? Simples. Facilíssimo, diria o outro. É que lidos, embora em diagonal, os autores desta "brilhante" colecção, uma certeza fica, a do "todos e nenhum", pois todos têm razão e nenhum a tem na totalidade, todos têm a sua razão, a sua intuição, anda toda a gente à procura da verdade, e vamos morrendo sem a alcançar. Dá vontade de voltar à fórmula mágica do nosso padre Neves que nos ensinava filosofia nos recuados anos sessenta do século passado quando, depois de expostas as mais variadas posições ou teorias sobre determinada questão, ismos e mais ismos, ismos contra ismos, terminava invariavelmente, entretidos nós e convencidos com a simpatia por esta ou aquela teoria, com a solução que não havia maneira de nos entrar na cabeça: "todas e nenhuma, mas aquela que situa, integra e supera as apresentadas". E ficávamos assim de boca aberta, como que incrédulos, interrogativos, o estimado professor devia ter razão, a nossa mentalidade é que seria ainda bastante quadrada. Afinal já o padre Fernando Neves estava na altura a fazer a tal interpretação extensiva de que há tempos falava o nosso Cadilhe, começamos a ver porquê, a verdade, sempre a verdade, ela anda por aí tratada e maltratada por muita gente, nada se cria, nada se perde, sistemas novos são, afinal, sistemas velhos, e vice-versa, e assim sucessivamente, são Lavoisier, se calhar vulgar de Lineu.

Estamos fartos de saber que "cada um é como cada qual", todos diferentes, mas diferenças não tão insuperáveis assim, vem um e acentua isto, vem outro

e acentua aquilo, às vezes nem reparam que estão praticamente de acordo, nada propriamente se cria, nada se perde, tudo se transforma, tudo se funda, e refunde, talvez só roupagens novas, talvez um círculo vicioso, talvez um eterno retorno, sistema rende sistema, e nem reparamos que baralhamos e voltamos a dar do mesmo baralho, Aristóteles ou Platão, razão ou sentimento, materialismo ou espiritualismo, conhecimento ou agnosticismo, teoricismo ou pragmatismo, colectivismo ou individualismo, o fundamentalismo sempre à espreita, quando afinal se desagua no " todos e nenhum", também à mente humana se aplica Lavoisier, toda a razão para o Cadilhe e para a sua interpretação extensiva. Ou analógica. Intensiva também.

Na linha da agora concluída colecção dos 60 livros de grandes filósofos, tinha pensado em "Quadratura do Círculo" para título de uma possível 'estante', lembrar incompatibilidades crónicas – desconfianças, ressentimentos, polémicas, lutas, guerras (armadas), perseguições, condenações, cismas, mortes – incompatibilidades ferozes entre as partes, o jeito que nos fazia a serenidade dos "Diálogos" de Platão, todos à procura da verdade e da razão, não a minha verdade e a minha razão, apenas a difícil verdade, as guerras são inúteis e quase sempre terminadas tarde e a más horas, curiosos certos pedidos de perdão de papas, recuos de outros papões da actualidade. É ainda em nome da interpretação extensiva da lei de Lavoisier, aqui sob os contornos da tolerância universal, que a quadratura do círculo nem me parecia assim tão incompatível. Experimente-se um círculo dentro de um quadrado ou um quadrado dentro de um círculo, sobram pequenas parcelas do quadrado ou do círculo, respectivamente, pequenas embora reais, reais mas pequenas, transforme-se a geometria em pensamento e as diferenças praticamente já foram, porra chissa, diz o alentejano, as diferenças para os académicos, quid hoc ad eternitatem, que interessam estas miudezas?

(continua na página 13)

## UNIASES - CGD - BARCELINHOS

### MORADA PARA CORRESPONDÊNCIA:

UNIASES Apartado 1098  
4710-908 BRAGA

### CONTACTOS

ases@portugalmail.pt

### Presidente:

969 690 551 / 214 445 827  
alberto.r.melo@netcabo.pt

### Tesoureiro:

919 441 970 / 253 951 257  
cunhapintobraga@sapo.pt

**NIB 0035 2008 0003 8874 930 35**  
**CONTA Nº 2008 038874 930**

Simplifique a sua participação para as Quotas - Fundo de Solidariedade - Bolsas - Jornal...  
No Descritivo escreva nome completo ou Às n.º \_\_\_\_\_